

# Fotografe<sup>®</sup>

www.fotografemelhor.com.br



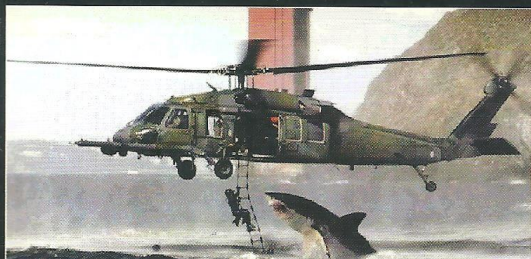
MELHOR



Ano 7 - Nº 79  
Abril 2003  
Brasil-R\$ 7,90  
Europa € 3,00

## DIGITAIS 2003

Confira mais de 30 câmeras lançadas na PMA 2003, a grande feira de fotografia de Las Vegas



## FOTOJORNALISMO

Até que ponto é ético manipular uma foto. Veja os casos mais polêmicos de ontem e de hoje



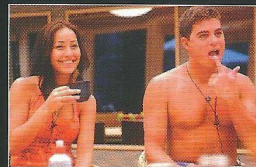
Teste PRÁTICO

## GRANDE ANGULAR

Tira-teima com a Canon 20-35 mm, Vivitar 19-35 mm e Sigma 17-35 mm

## BIG BROTHER

A vida dura do fotógrafo que registra as cenas do reality show da Rede Globo



## É GOOLLL!

Entramos em campo para mostrar os macetes de quem fotografa futebol

## ANIVERSÁRIO

O que você precisa saber para começar a trabalhar na área social e a ganhar dinheiro



Teste PRÁTICO

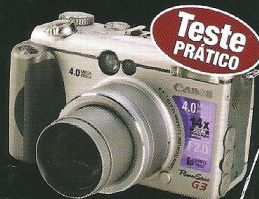


## CANON G3

Tudo sobre a compacta digital cheia de recursos

## IMPRESSORAS

Conheça as novidades em equipamentos para imprimir fotos digitais sem precisar de micro



Teste PRÁTICO





# O olhar que manipula

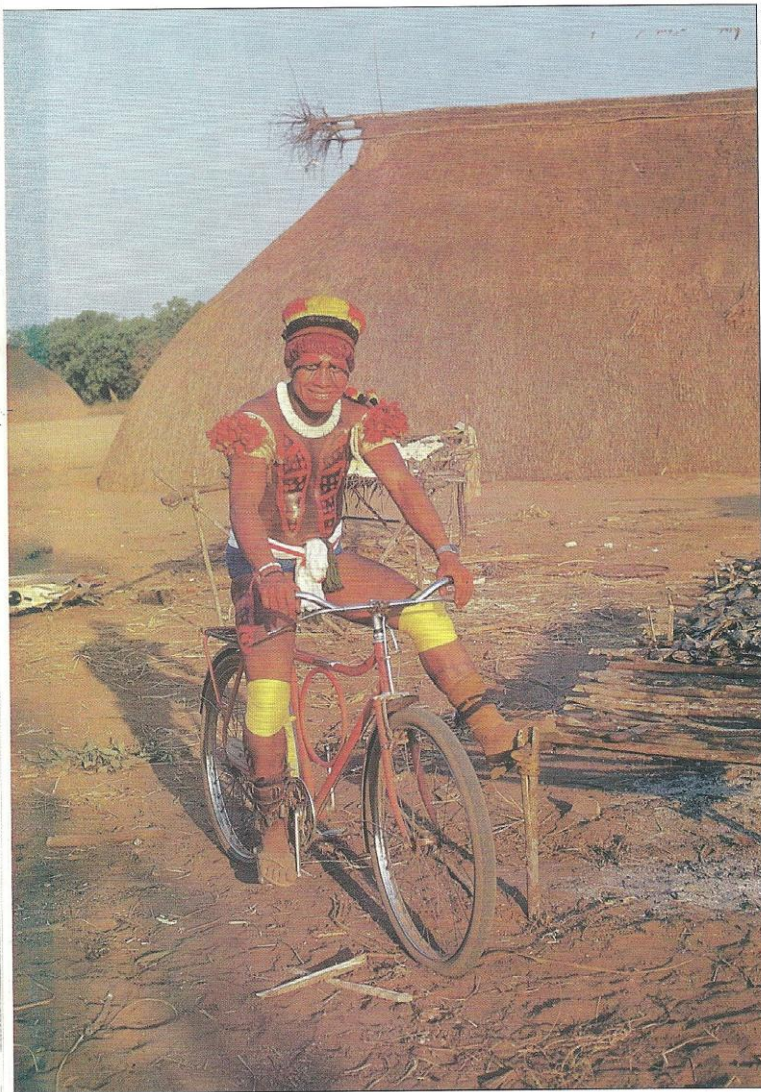


Foto: Rosa Berardo

**Ensaio no Xingu faz fotógrafa descobrir que, ao registrar uma imagem, todo autor faz algum tipo de manipulação mesmo sem perceber. Confira**

**D**urante sete anos, a fotógrafa Rosa Berardo fotografou índios do Parque Nacional do Xingu, na região de Mato Grosso, em viagens periódicas, iniciadas em 1995. Antes de ir para a reserva indígena, ela havia visto um livro da fotógrafa Maureen Bissiliat, que deu ênfase à beleza estética dos índios, valorizando por meio de enquadramentos e iluminação, formas, cores e texturas de pinturas, adornos e corpos. As fotos quase não mostravam objetos da cultura dos "homens brancos" e parecia que os índios retratados eram os mesmos que Cabral havia encontrado ao chegar ao Brasil em 1500, ainda sem contato com a civilização. A partir destas imagens, as únicas que conhecia, Rosa formou na imaginação conceitos e expectativas em relação ao grupo étnico que iria visitar, tão diferentes em seus costumes.

Ao chegar à pista de pouso do Posto Leonardo, dentro do parque, encontrou índios vestidos, andando de bicicleta, ouvindo rádio portátil, dirigindo caminhão... Rosa não podia reconhecer em seus arquivos imaginários esses personagens que contrariavam suas expectativas. "Pensei que iria chegar num lugar onde estavam os modelos publicados no livro", diz ela. A partir daí, começou a entender, lentamente, que a fotografia não é capaz de mostrar

**O índio pintado para uma festa e sua bicicleta: visão de dois mundos diferentes**





O chapéu e os  
óculos escuros  
dão ao retrato  
uma outra leitura

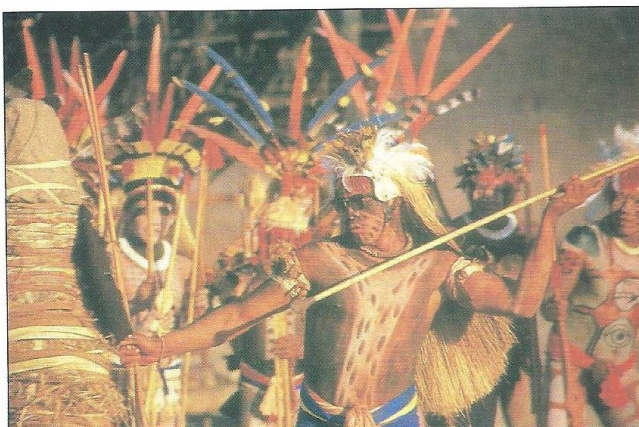


Membros da tribo fazem  
fogueira para se aquecer; a  
mesma imagem poderia ter  
sido feita séculos atrás





Foto: Rosa Berardo



"tudo" sobre alguém ou algum lugar.

Ela decidiu, então, fazer registros de um modo que captasse as atividades realizadas pelo grupo, ainda de uma maneira tradicional e também do jeito modernizado, o que provocou um resultado bem interessante. E quando alguém via as fotos, percebia que a maneira de mostrá-las criava interpretações

diferentes sobre os índios do Xingu. Na fotografia onde um índio kamaiurá era visto pescando com arco e flecha, as pessoas reagiam dizendo: "Nossa! Ainda pescam com flecha? Que primitivos!". Na outra, onde o mesmo índio pescava de máscara de mergulho e com arpão, comentavam: "Nossa! Estão modernizados, hein!? Já têm até arpão?".

**Imagem lúdica de indiazinhas nuas remete a uma visão de distância da civilização: ao lado, a foto dos guerreiros poderia ter a mesma leitura não fossem os óculos escuros**

## ATRAVÉS DO OLHAR

Ficou claro para Rosa que as fotos estavam formando a imagem dos índios na cabeça dos espectadores e sua responsabilidade era muito grande, pois o público só podia ver através do olhar dela. Essa experiência possibilitou que a fotógrafa desenvolvesse sua primeira dissertação de mestrado em fotografia na Universidade de São Paulo (USP).

"Que diferença faz se o leitor de uma revista vê uma foto ou outra? Mas a diferença é muito grande em um país onde o contato com a civilização levou à dizimação de 5 milhões de índios. Com as mortes físicas, há também a morte cultural de um grupo, que perde seus valores e tradições", diz Rosa. Esse processo de perda, chamado de "aculturação", foi por muito tempo escondido por imagens bucólicas



dos índios, onde o contato com os "brancos" não era mencionado, afirma a fotógrafa.

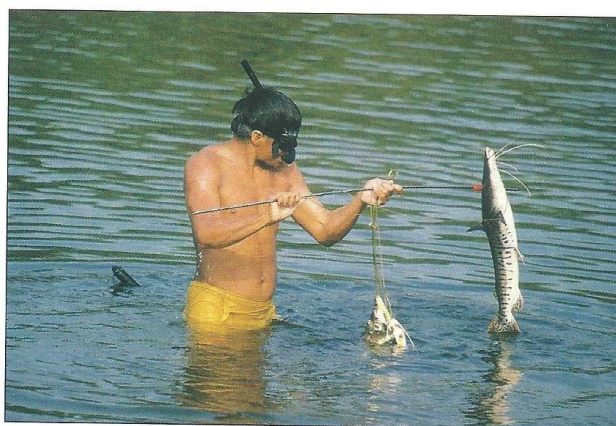
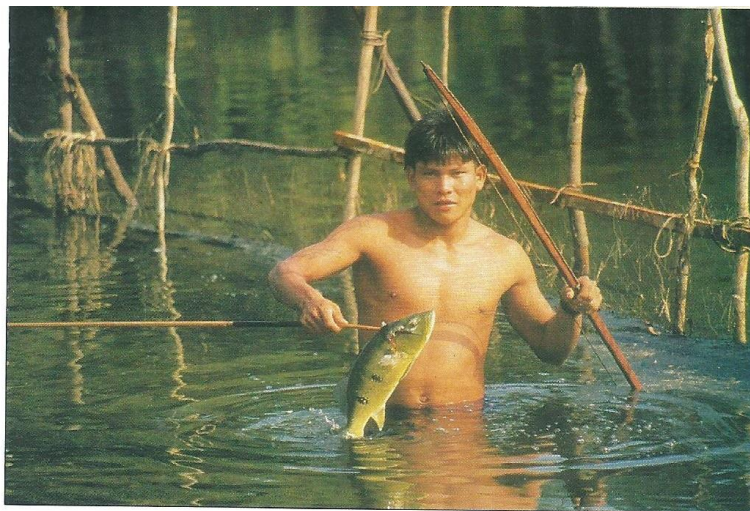
Para ela, não mostrar esse contato, as mudanças de hábitos e costumes, é também não falar de uma política que promoveu, durante décadas, a aproximação das duas culturas com a finalidade justamente de desestabilizar os grupos indígenas e enfraquecê-los.

"A fotografia muitas vezes serviu como testemunho e suporte para a descrição do índio brasileiro. Acreditávamos em tudo o que víamos e não chegávamos a questionar a veracidade das informações que ela trazia", alega Rosa Berardo.

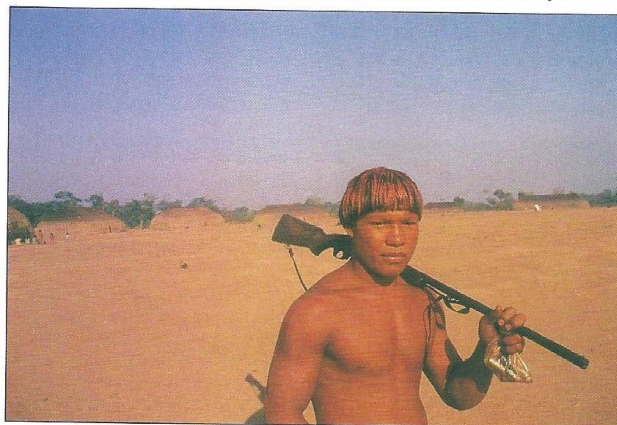
### VERDADE E MENTIRA

Essa tendência de acreditar no que se vê vem desde a invenção da fotografia, pois naquela época – já a imagem não surgia de uma interpretação pintada ou desenhada por um artista – a foto era considerada uma representação da verdade, um documento, segundo Rosa. Hoje sabe-se que não é bem assim. Não é preciso nem chegar às manipulações da imagem digital para entender que o fotógrafo, por meio da técnica, constrói uma interpretação pessoal do mundo e não informações imparciais. Isso é válido tanto para o fotojornalismo, que tem a pretensão de ser um documento informativo, quanto para a fotografia publicitária, na qual manipular é a regra.

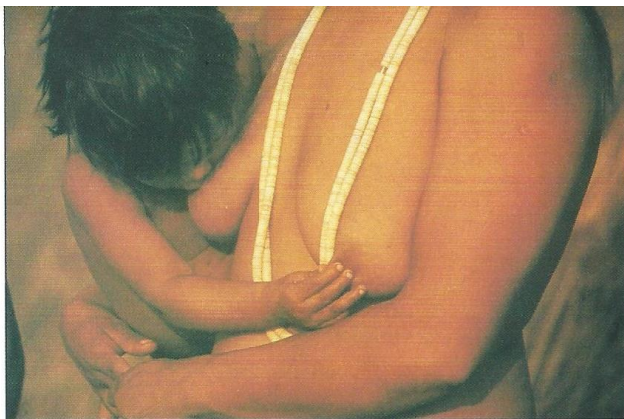
Nas imagens do Xingu feitas por Rosa, é possível comparar situações bucólicas, nas quais os índios desenvolvem atividades cujas técnicas tradicionais ainda não foram alteradas, e outras onde há traços do contato com a civilização por meio de elementos como mamadeira, bicicleta, espingarda, óculos escuros... "Mostrar as duas versões é possibilitar ao espectador ter contato com mais informações que vão contribuir para a



No alto, o índio pesca da forma que os homens brancos se acostumaram a ver; acima, o uso de máscara de mergulho e arpão parece descaracterizar o personagem; abaixo, um arco e flecha no lugar da espingarda certamente deixaria a foto dentro de padrões esperados

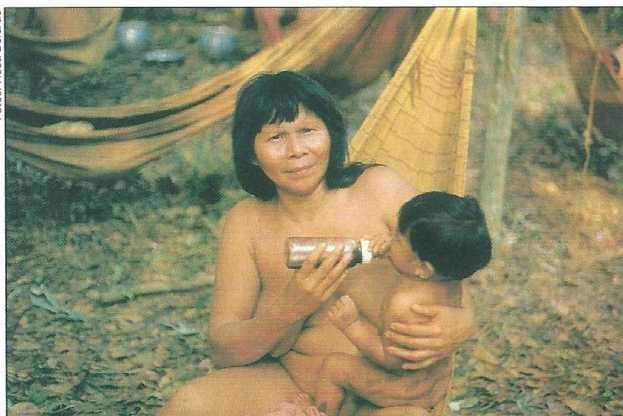






O curumim mamando no seio (acima) tem mais impacto do que a cena com a mamadeira (abaixo): ao mostrar uma visão parcial, o fotógrafo retrata apenas uma parte da verdade

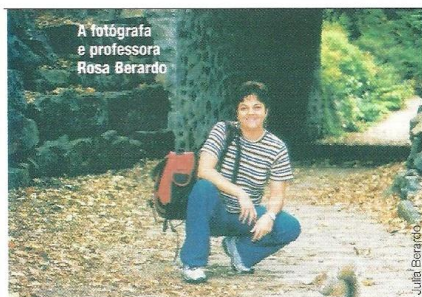
Foto: Rosa Berardo



interpretação e formação de um conceito sobre esses índios", afirma a fotógrafa.

Segundo Rosa, o fotógrafo deve ter atenção para que seu olhar não transforme o outro em um ser exótico, perigoso ou objeto de curiosidade. Deve ter cuidados para que os preconceitos em relação

àqueles que são diferentes não sejam construídos pelo olhar com que se faz o enquadramento. Fica ainda a responsabilidade de entender e respeitar as diferenças para que o imaginário não contamine os espectadores de preconceitos e limitações.



A fotógrafa e professora Rosa Berardo

#### Quem é a fotógrafa

Rosa Berardo, 41 anos, é jornalista, fotógrafa, doutora em Cinema e Audiovisual pela Universidade Sorbonne – Paris III, professora de fotografia da Universidade Federal de Goiás e mestre em fotografia pela USP e pela Sorbonne. As fotos que Rosa fez no Xingu estarão expostas no Museu do Índio, em Brasília (DF), até o dia 30 de junho. Mais informações podem ser conferidas no site [www.rosaberardo.com.br](http://www.rosaberardo.com.br)

#### DECISÃO PESSOAL

Fotografar culturas, povos, pessoas diferentes é muito atrativo não só para fotógrafos profissionais como também para amadores. Fisionomias e comportamentos que escapam do padrão habitual de quem observa despertam a curiosidade e a imaginação, diz Rosa. Isso acontece, por exemplo, com qualquer pessoa que goste de fotografar e viaje para um outro país, principalmente os exóticos.

Assim, há tentativa de enquadrar, dar forma, criar uma explicação ou história para aquilo que não se conhece. "Se a orelha de alguém impressiona, ao retratar a pessoa há uma tendência de pegar um ângulo que mostre bem o tamanho desproporcional da orelha, pois foi isso que impressionou", afirma a fotógrafa.

O processo de escolha dos objetos que vão ficar no quadro fotográfico – bem como o ângulo ou o tipo de objetiva – é algo pessoal. Como a imagem traz informações sobre o assunto fotografado a todos que a contemplarem, as interpretações e opiniões sobre a foto serão formadas por associações feitas com os elementos que o fotógrafo decidiu enquadrar. "São pequenas as possibilidades de opiniões muito diferentes, pois há a limitação imposta pelo enquadramento. E a pessoa retratada vai ficar com a imagem de orelhuda e pronto", alega Rosa.

Para ela, o exemplo serve para a compreensão de como a fotografia contribui para a formação de conceitos, idéias, interpretações de fatos e de personalidades. "Poucos se dão conta do quanto o ato de fotografar é um ato político, carregado do mundo pessoal e cultural do autor da foto. Uma foto fala tanto do assunto fotografado quanto das preferências do fotógrafo", acredita Rosa.

